



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

ISAIAS CIRILO AGOSTINHO MATIAS

O USO DA AUDIODESCRIÇÃO PARA ESTUDANTES CEGOS E COM BAIXA
VISÃO NO ENSINO SUPERIOR

JOÃO PESSOA/PB
2025

ISAIAS CIRILO AGOSTINHO MATIAS

O USO DA AUDIODESCRIÇÃO PARA ESTUDANTES CEGOS E COM BAIXA VISÃO
NO ENSINO SUPERIOR

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao curso de Pedagogia da Universidade
Federal da Paraíba (UFPB) como requisito
final para obtenção do título de Licenciatura
Plena em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Adenize Queiroz de
Farias

JOÃO PESSOA/PB

2025

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

M433u Matias, Isaias Cirilo Agostinho.

O uso da audiodescrição para estudantes cegos e com baixa visão no ensino superior / Isaias Cirilo Agostinho Matias. - João Pessoa, 2025.
33 f. : il.

Orientação: Adenize Queiroz de Farias.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - UFPB/CE.

1. Audiodescrição. 2. Acessibilidade. 3. Deficiência visual. 4. Ensino superior. I. Farias, Adenize Queiroz de. II. Título.

UFPB/CE

CDU 37(043.2)

ISAIAS CIRILO AGOSTINHO MATIAS

**O USO DA AUDIODESCRIÇÃO PARA ESTUDANTES CEGOS E COM BAIXA
VISÃO NO ENSINO SUPERIOR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao curso de Pedagogia da Universidade
Federal da Paraíba (UFPB) como requisito
final para obtenção do título de Licenciatura
Plena em Pedagogia.

João Pessoa, 05 de Maio de 2025.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **ADENIZE QUEIROZ DE FARIAS**
Data: 15/05/2025 17:19:27-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profª Drª Adenize Queiroz de Farias
Orientadora

Profª Drª Munique Massaro
Examinadora

Profª Drª Flávia Affonso Mayer
Examinadora

AGRADECIMENTOS

Jesus disse: "Se tu podes crer, tudo é possível ao que crê." Sou grato ao Pai Celestial por me conceder as condições necessárias para alcançar esta realização. Ao meu pai, Seu Cirilo, "in memoriam", por todos os conselhos que carrego em meu coração e que foram um divisor de águas na minha jornada. A minha mãe, Dona Margarida, que me colocou para estudar no Centro de Reabilitação (FUNAD) em João Pessoa. Enfrentamos muitos desafios, ela foi meu guia durante anos, com todo seu amor. Contudo, aprendi a conviver em sociedade como qualquer pessoa que tem sua visão intacta, então pude retomar meus estudos e vencer as barreiras impostas em meu caminho. Nunca irei esquecer das suas palavras de carinho e alento. Sempre me incentivando a seguir em frente, acreditando no meu potencial. A minha irmã Isabel, pelo seu apoio nos momentos em que precisei de suas mãos. Também aos demais irmãos e familiares pela assistência a mim fornecida.

A Nathan e Carol, que foram meus apoiadores e seguiram comigo durante toda minha graduação, me fornecendo o suporte necessário para chegar até aqui, o qual foi fundamental e significativo na minha trajetória acadêmica. Obrigado pela parceria e pela empatia de vocês que sempre me trataram com respeito e sem indiferença. A Kelly, que chegou agora no finalzinho, mas também tem sua parcela de contribuição neste percurso.

Aos meus queridos amigos, pela torcida, força e por emanarem energias positivas. Por me incentivarem no decorrer da minha caminhada. Pelas conversas divertidas e descontraídas, tornando aqueles momentos de tensão bem mais leves.

Agradeço a todos os meus professores, que foram peças-chave na minha vida acadêmica. A minha orientadora, Adenize Queiroz de Farias, por seus ensinamentos e ajustes durante o meu TCC. A banca examinadora, Flávia Mayer e Munique Massario, pelas correções atribuídas a este trabalho final.

Enfim, minha gratidão a todos àqueles que direta ou indiretamente colaboraram para meu avanço profissional, intelectual e moral. Meus sinceros agradecimentos!

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo discutir a importância da audiodescrição na formação acadêmica de estudantes cegos e com baixa visão a partir da realidade da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Na revisão bibliográfica foram estudados autores que conceituam a audiodescrição, refletindo acerca de sua importância no percurso acadêmico de estudantes com deficiência visual. Assim, o estudo aborda os conceitos, a evolução histórica e as principais técnicas da audiodescrição, além de refletir como esse recurso tem contribuído para o processo de ensino e aprendizagem no ensino superior. Por se tratar de um estudo qualitativo, foi realizada uma pesquisa de campo por meio de entrevistas com quatro estudantes com deficiência visual matriculados no Campus I da UFPB. Os resultados apontam que a audiodescrição é um recurso essencial para garantir a acessibilidade e a inclusão no processo de ensino-aprendizagem de estudantes com deficiência visual, sendo necessária a formação adequada de docentes e o incentivo ao uso frequente desse recurso nas instituições de ensino superior. Com a realização desta pesquisa, esperamos haver contribuído para ampliar o conhecimento acerca da audiodescrição, com a finalidade de construir políticas e práticas na formação de professores e apoiadores, para que os recursos da audiodescrição sejam melhor utilizados em nossas salas de aula.

Palavras-chave: Audiodescrição; Acessibilidade; Deficiência visual; Ensino superior.

ABSTRACT

The aim of this Final Paper is to discuss the importance of audio description in the academic training of blind and low-vision students, based on the reality of the Federal University of Paraíba (UFPB). The literature review studied authors who conceptualize audio description, reflecting on its importance in the academic career of visually impaired students. Thus, the study addresses the concepts, historical evolution and main techniques of audio description, as well as reflecting on how this resource has contributed to the teaching and learning process in higher education. As this is a qualitative study, field research was carried out through interviews with four visually impaired students enrolled at UFPB Campus I. The results show that audio description is an essential resource for ensuring accessibility and inclusion in the teaching-learning process for visually impaired students, and that it is necessary to train teachers properly and encourage the frequent use of this resource in higher education institutions. By carrying out this research, we hope to have contributed to expanding knowledge about audio description, with the aim of building policies and practices in the training of teachers and supporters, so that audio description resources are better used in our classrooms.

Keywords: Audio description; Accessibility; Visual impairment; Higher education.

SUMÁRIO

1 Introdução	9
2 Audiodescrição: definições, evolução histórica e principais técnicas	10
2.1 Definições sobre a audiodescrição	11
2.2 Evolução da audiodescrição no Brasil	13
2.3 Principais técnicas para realização de audiodescrição	16
2.4 Principais técnicas para realização de audiodescrição	18
3 Percurso metodológico	20
4 Resultados e discussões	22
4.1 Apresentando os sujeitos da investigação	22
4.2 A audiodescrição na perspectiva dos estudantes entrevistados	23
4.3 A audiodescrição nas salas de aula e em outras atividades acadêmicas	24
4.4 A Audiodescrição em vídeos e aplicativos	27
5 Considerações finais	28
Referências	30
Apêndice A - Cursos de formação acerca da audiodescrição	33
Apêndice B - Roteiro semiestruturado das entrevistas	35

1 Introdução

Nos dias atuais, apesar dos diversos avanços no que diz respeito a inclusão, o Brasil ainda é um país que possui grandes dificuldades em colocar em prática ações de inclusão efetivas, considerando que a integração ainda se faz presente em nossas escolas e na sociedade.

Para entendermos esta questão, é importante conhecer estes conceitos. A ideia de integração defende que as pessoas com deficiência devem se adequar a sociedade vigente, ou seja, elas estão nos mesmos ambientes, mas acabam não interagindo com eles pelo fato de tais ambientes não serem acessíveis para todas as pessoas. Já a inclusão é a realidade que queremos e precisamos, em que as diferenças são aceitas e respeitadas e as pessoas com deficiência conseguem acessar todos os espaços com autonomia, realizando a mesma atividade que os demais.

Se pensarmos na pessoa cega ou com baixa visão, um dos recursos que pode e deve ser utilizado, principalmente no meio acadêmico, é a audiodescrição. A audiodescrição é um recurso de acessibilidade comunicacional que transforma imagem em palavras. Dessa forma, ela permite que o estudante com deficiência visual se aproprie com clareza dos conteúdos imagéticos.

Partindo disso, a presente pesquisa tem por objetivo geral discutir a importância da audiodescrição na formação acadêmica de estudantes cegos e com baixa visão a partir da realidade da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Já os objetivos específicos são os seguintes: Compreender o percurso histórico, as definições e as principais técnicas da audiodescrição; Explicar de que maneira a audiodescrição contribui para a aprendizagem de estudantes cegos e com baixa visão no ensino superior; E identificar, na percepção de discentes com deficiência visual, como ocorre o uso da audiodescrição, por parte dos docentes e apoiadores, na UFPB. Para alcançar esses objetivos, foi realizada uma pesquisa de campo na UFPB (Campus I), a fim de verificar se esse recurso é, de fato, utilizado em sala de aula pelos professores quando há presença de estudantes com deficiência visual. Para tanto, foram realizadas entrevistas com alunos que possuem deficiência visual. Ao refletirmos sobre a audiodescrição, sabemos que é um recurso de acessibilidade extremamente necessário durante o percurso acadêmico do estudante cego ou com baixa visão. Embora os textos escritos sejam um recurso bastante utilizado dentro da universidade, somos bombardeados de imagens a todo instante. Para a pessoa cega ou com baixa visão, as imagens se tornam um desafio perante a

aprendizagem, quando não é feita a audiodescrição das mesmas, aquele conhecimento acaba sendo perdido.

Enquanto estudante cego do ensino superior, busco problematizar essa temática trazendo um diagnóstico da situação dentro da UFPB. Tal problemática necessita ser refletida, pois esse recurso auxilia no processo de aprendizagem do aluno e na vida cotidiana, permitindo que tenhamos acesso a conhecimentos ora negados aos estudantes cegos ou com baixa visão.

Ao iniciar minha trajetória universitária, deparei-me com barreiras significativas no tocante ao acesso aos conteúdos, que muitas vezes eram repassados através de filmes ou imagens, o que comprometeu a minha participação pela e o aproveitamento acadêmico. Essa experiência evidencia a urgência em adotar políticas e práticas educativas mais inclusivas, a exemplo da audiodescrição, que possam atender às necessidades dos estudantes com deficiência visual, garantindo-lhes uma aprendizagem equitativa.

Diante desse relato, escolhi o presente tema devido a sua relevância e importância na vida acadêmica da pessoa cega ou com baixa visão, como é o meu caso e o da orientadora deste TCC. Pois, no processo de ensino e aprendizagem do aluno com cegueira e baixa visão da UFPB, a utilização de recursos de audiodescrição são indispensáveis. Sendo uma modalidade intersemiótica que busca traduzir o sistema de signos imagéticos para o código linguístico verbal (Motta, 2016).

Para uma melhor organização deste trabalho, nosso texto está subdividido em 4 partes: A primeira está voltada para a origem, conceitos e principais técnicas da audiodescrição. Na segunda, buscaremos refletir acerca contribuições da audiodescrição no processo de ensino e aprendizagem de estudantes cegos e com baixa visão. No percurso metodológico, que é a terceira parte do texto, trataremos sobre a realização das entrevistas, bem como acerca dos procedimentos de organização e análise dos dados. Finalmente, na quarta parte, traremos os resultados, as discussões e as considerações do pesquisador sobre o uso da audiodescrição na universidade.

2 Audiodescrição: definições, evolução histórica e principais técnicas

Neste capítulo, trataremos um estudo teórico acerca da audiodescrição, abordando os principais conceitos, a evolução da audiodescrição em nosso país, concluindo com algumas técnicas recomendadas para realização de uma boa audiodescrição. Para finalizar este capítulo,

procuraremos identificar algumas pesquisas já realizadas sobre o tema da audiodescrição no ensino superior.

2.1 Definições sobre a audiodescrição

A acessibilidade é um direito que é garantido por lei (Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência), em que no Art. 3º traz que “I - acessibilidade: possibilidade e condição de alcance para utilização, com segurança e autonomia, de espaços, mobiliários, equipamentos urbanos, edificações, transportes, informação e comunicação, inclusive seus sistemas e tecnologias [...]” o mesmo artigo também menciona a importância da tecnologia assistiva, definida como “[...] produtos, equipamentos, dispositivos, recursos, metodologias, estratégias, práticas e serviços que objetivem promover a funcionalidade, relacionada à atividade e à participação da pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida, visando à sua autonomia, independência, qualidade de vida e inclusão social” (Brasil, 2015).

A audiodescrição, objeto deste trabalho, é um recurso de tecnologia assistiva que busca assegurar às pessoas com deficiência visual o acesso aos conteúdos e ou informações visuais nos mais variados ambientes em que estas pessoas se façam presentes, de modo que consigam acessar todas as informações com autonomia, o que garantirá sua inclusão e melhor participação nesses espaços.

A audiodescrição poderá ser utilizada em fotos, obras de arte, filmes, peças teatrais, entre outros. A esse respeito, Motta (2016, p. 15) aponta que a audiodescrição “é um recurso de acessibilidade comunicacional que amplia o entendimento das pessoas com deficiência visual em todos os tipos de eventos [...] transforma o visual em verbal, abrindo possibilidades maiores de acesso à cultura e à informação”.

Este é um recurso de grande importância para a comunidade de pessoas com deficiência visual, pois permite que imagens que antes eram inacessíveis, tornem-se acessíveis, permitindo com que pessoas cegas tenham acesso à mesma informação. A Escola Nacional de Administração Pública – Enap (2020, p. 5) corrobora com a definição de Motta ao dizer que “A audiodescrição tem como objeto a descrição verbal de imagens, sendo, portanto, utilizada em diversos meios como cinema, televisão, teatro, conferências, exposições de arte e outros eventos culturais”.

A atriz Graciela Pozzobon¹ em entrevista ao Programa do Jô em 2008 definiu a audiodescrição como “recurso que possibilita a inclusão de pessoas cegas como espectadores de filmes, novelas, teatro, operas, qualquer manifestação artística” e acrescentou que a audiodescrição traz os elementos necessários para que a pessoa compreenda a obra em questão.

Esta constatação abriu novas possibilidades para pessoas cegas ou com baixa visão que, muitas vezes, são consideradas pela sociedade como incapazes de compreender, por exemplo, o contexto de um filme ou de uma novela, pelo fato de não estarem enxergando as cenas, o que pode se tornar facilmente entendido a partir da audiodescrição. Sobre isso, Motta (2013) mostra que com esse recurso, o indivíduo consegue conhecer o ambiente, os figurinos, linguagem corporal, cenários, entre outros elementos não verbais.

Completando a discussão, Campos (2015) aponta que a audiodescrição deve trazer os elementos fundamentais para o entendimento de determinada obra, de modo que os elementos verbais e não verbais sejam descritos, ou seja, desde um título até as vestimentas dos personagens. Silva (2009, p. 11) compartilha deste mesmo pensamento, apontando que a audiodescrição é uma tradução intersemiótica, pois ela consiste na “conversão de um sistema de signos em outro”.

É importante ressaltar que o audiodescritor é o profissional que deve garantir que a audiodescrição seja realizada da forma mais fiel a obra e Pozzobon (2008) durante a entrevista fala que esse profissional deve visualizar os conteúdos com antecedência, para que consiga compreender os elementos ali presentes para então realizar a audiodescrição, pois ao fazer isso ao vivo, alguns detalhes podem passar despercebido e afetar o entendimento da obra. Entretanto, é importante frisar que o audiodescritor é um profissional que deve se ater apenas aos fatos, sem colocar suas opiniões, para que o conteúdo visual seja passado da forma mais fiel possível e de maneira clara e direta, como expõem Pena e Silva:

[...] um audiodescritor não diz o que ele acha, não oferece suas inferências, mas diz o que ele vê; oferece ao cliente as ferramentas que lhe permitirão tirar suas próprias conclusões sobre o que está sendo apresentado, com igualdade equiparada de condições disponíveis aos assistentes do evento visual (Pena; Silva, 2014, p. 3).

Como vimos, a maior parte dos autores abordados, demonstram a importância da audiodescrição para as pessoas com deficiência visual, mas a Enap (2020) vai além,

¹ Graciela Pozzobon é uma atriz e diretora que desde 2003 fez a audiodescrição de filmes no Brasil, sendo uma das pioneiras nesse contexto, junto a sua irmã, Lara Pozzobon. Disponível em: <<https://www.gaz.com.br/as-irmas-santa-cruzenses-que-sao-vanguarda-da-audiodescricao/>> Acesso em: 03 de set. de 2024.

mostrando que a audiodescrição também traz acessibilidade não apenas para esse público, mas também para pessoas que não foram alfabetizadas, visto que não possuem acesso aos códigos linguísticos, mas com a audiodescrição, adquirem condições de escutar e compreender aquela informação. Motta (2013) antecipa esta ideia quando aborda que pessoas com dislexia, deficiência intelectual, déficit de atenção e pessoas idosas também são beneficiadas pela audiodescrição.

Através das diferentes definições, todos os autores citados discutem o quanto a audiodescrição é importante para trazer autonomia e uma compreensão cada vez mais clara por parte das pessoas com deficiência visual em relação aos ambientes e informações a sua volta. A seguir, abordaremos como surgiu a audiodescrição e sua evolução ao longo da história.

2.2 Evolução da audiodescrição no Brasil

A audiodescrição, apesar de já ter mais de 20 anos de existência no Brasil, ainda é um tema pouco abordado e, como consequência, pouco conhecido pela sociedade. Como bem sabemos, a audiodescrição é uma tecnologia assistiva, que permite acesso aos recursos visuais às pessoas com deficiência, seja ela visual ou não. Isto porque, de acordo com as contribuições da pesquisadora Livia Motta (2024), pessoas com dislexia ou outras limitações e até mesmo pessoas idosas podem se beneficiar da audiodescrição.

Nesse tópico, apresentamos um resumo das principais leis e decretos que possibilitaram a evolução histórica da audiodescrição no Brasil.

Já presente em outros países, como Estados Unidos e Japão, a técnica da audiodescrição chegou ao Brasil em 2003, durante o festival “Assim Vivemos”², festival internacional de filmes sobre deficiência, sendo este evento considerado como o mais importante e o precursor da audiodescrição no Brasil. A audiodescrição está presente no Decreto nº 5.296/2004, no Artigo 23 e seção 6º, que estabelece a obrigatoriedade de salas de espetáculos contarem com diversos recursos de acessibilidade, entre eles a audiodescrição (Brasil, 2004).

Em 2005, a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) publica norma sobre “Acessibilidade em Comunicação na Televisão”, em que o Ministério das Comunicações abriu consulta pública a fim de verificar os requisitos técnicos para promover acessibilidade

² ASSIM VIVEMOS. Apresentação. [s. d.]. Disponível em: <<https://assimvivemos.com.br/sobre-festival/>> Acesso em: 24 de ago. de 2024.

na TV aberta. Após muitas lutas e retrocessos, no ano de 2007, aparecem os primeiros conteúdos na TV aberta com audiodescrição. O Enap (2020) mostra que as emissoras da televisão aberta eram obrigadas a passar, no mínimo, 2 horas semanais de programas com audiodescrição, possuindo como meta atingir 20 horas semanais até 2020, o que infelizmente não corresponde à realidade. Todavia, canais como Rede Globo, Record TV, SBT e TV Brasil apresentam em sua programação a audiodescrição. A Enap (2020) afirma que:

[...] a Rede Globo transmite filmes com audiodescrição nos programas Sessão da Tarde, Tela Quente, Temperatura Máxima, Supercine e Domingo Maior, cumprindo aproximadamente 6 horas semanais de conteúdo acessível. A emissora ainda apresenta audiodescrição em alguns programas de reportagem ou entretenimento. A Record TV também apresenta o recurso em sua programação de entretenimento e de filmes, como nos programas Hoje em Dia, Super Tela e Cine Aventura. O canal SBT criou uma vinheta para informar os espectadores sobre a presença da audiodescrição, tendo como programa mais representativo o seriado mexicano Chaves. A TV Brasil possui uma programação acessível disponível para consulta virtual no endereço: <http://tvbrasil.ebc.com.br/programas-com-audiodescricao> (Enap, 2020, p. 18).

Esta conquista foi resultado de muitas lutas, pois, como apontam Godoi e Almeida (2020), em 2006, a definição do conceito de audiodescrição passou a existir legalmente por meio da Portaria nº 310, de 27 de junho de 2006. Por meio deste documento ocorre a diferenciação entre dublagem e audiodescrição, sendo a primeira realizada de forma sincronizada com o movimento da boca dos personagens presentes. Já a audiodescrição é um recurso realizado simultaneamente, visando audiodescrever os elementos visuais presentes na obra, tornando-os acessíveis a todos.

Após a implementação da Portaria nº 310, citada no parágrafo anterior, foi sancionado o Decreto nº 5.820, de 29 de junho de 2006, que “[...] dispõe sobre a criação do Sistema Brasileiro de Televisão Digital (SBTVD), estabelecendo diretrizes para a transição do sistema de transmissão analógica para o sistema de transmissão digital do serviço de radiodifusão de sons e imagens e do serviço de retransmissão de televisão, e dá outras providências” (Brasil, 2006). Esse sistema é baseado no modelo japonês, que substituiu o modelo analógico adotado pelo país até então, passando para o digital.

Entretanto, Godoi e Almeida (2020) apontam que esse decreto trouxe um obstáculo no processo de implementação dos dispositivos acessíveis no sistema analógico, criando uma ambiguidade:

Ao mesmo tempo em que as empresas audiodifusoras teriam que implantar dispositivos acessíveis ao sistema de informação analógico e fazê-la em um período de transição para o sistema digital, o qual, passado o período de transição viria a se

tornar o sistema de transmissão de informação padrão do Brasil. Assim, as empresas audiodifusoras se utilizam desta ambiguidade para contestar a acessibilidade nos canais analógicos, descumprindo as legislações anteriores, incluindo tal decreto, cujo texto garantia o pleno funcionamento dos serviços dos canais analógicos mesmo em fase de transição (Godoi; Almeida, 2020, p. 27).

Por conta disso, os movimentos que lutavam por esse direito, tiveram de retomar suas lutas. Em 2007, durante uma convenção da Organização das Nações Unidas (ONU), o então presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, trouxe o tema novamente, colocando-o sob pauta na convenção, de modo que os signatários foram submetidos ao monitoramento da ONU para o cumprimento dos princípios no país (Godoi; Almeida, 2020).

Nos dias atuais, a audiodescrição está presente na Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (LBI), a Lei nº 13.146/2015. A mesma foi implementada com a finalidade de garantir autonomia, inclusão e acessibilidade a essas pessoas. Para isso a Lei cita a tecnologia assistiva como um recurso de grande importância. De acordo com a mesma Lei, tecnologia assistiva são:

Produtos, equipamentos, dispositivos, recursos, metodologias, estratégias, práticas e serviços que objetivem promover a funcionalidade, relacionada à atividade e à participação da pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida, visando à sua autonomia, independência, qualidade de vida e inclusão social (Brasil, 2015).

Por entender que a audiodescrição é reconhecida como uma importante ferramenta, seja ela humana ou virtual, a LBI estabelece, em seu Artigo 73, que é de responsabilidade do poder público promover a capacitação de profissionais habilitados em audiodescrição, o que também poderá ser feito em parceria com organizações da sociedade civil. Esse passo é considerado como uma evolução importante, pois ao tomar conhecimento de que a audiodescrição está na legislação, aumenta o interesse em ofertar esse serviço, nos eventos, no teatro e até nas telas de cinema. No Apêndice A apresentamos uma lista contendo alguns cursos de formação acerca da audiodescrição que já estão sendo disponibilizados, ora gratuitamente, ora com cobrança de taxas, o que revela como a audiodescrição vem evoluindo passo a passo em nosso país.

A fim de garantir autonomia às pessoas com deficiência, a LBI determina que os diversos recursos de tecnologia assistiva e também a audiodescrição são direitos assegurados: na educação, na inclusão da pessoa com deficiência no trabalho, no acesso à informação e à comunicação e no acesso à justiça, sempre que necessário.

Entretanto, Godoi e Almeida (2020) apontam que houveram muitas conquistas, mas também muitos retrocessos e que a audiodescrição além de não ser posta em prática mesmo

depois de tantas leis e decretos, garantida, mesmo com as leis e decretos, também aparece apenas em conteúdos irrelevantes ou em horários inadequados. Então, apesar da legislação dar todo o aparato, a luta para a efetivação da audiodescrição continua e, estudos como este, são necessários para compreendermos a importância do acesso a essa tecnologia e contribuir com a luta para que ela de fato seja utilizada e acessível a população.

Também podemos frisar a importância de ampliar o número de profissionais qualificados, visto que estes, são responsáveis por transmitir as mensagens que as imagens e outros elementos que compõem a cena, o espetáculo, a aula, entre tantos outros ambientes, estão expondo. Para que isto ocorra, além de formação adequada, é necessário compreender quais técnicas garantem a qualidade de uma boa audiodescrição, que é o que discutiremos no próximo tópico.

2.3 Principais técnicas para realização de audiodescrição

Enquanto importante recurso de acessibilidade, a audiodescrição é uma ferramenta de tecnologia assistiva que deve ser fornecida, sempre que necessário. Mas, a audiodescrição não deverá ser realizada de qualquer maneira, pois quando isto ocorre ela perde seu sentido e, ao invés de incluir pode afastar ainda mais a pessoa com deficiência do real significado que a imagem transmite.

Para que uma audiodescrição se torne clara, é preciso considerar elementos que vão desde o tom de voz do audiodescritor, até o texto que previamente foi preparado. A fim de compreendermos melhor como a audiodescrição é realizada, tomamos por base as contribuições de Costa e Frota (2011), que apresentam três formas de audiodescrição, que poderá ser gravada, ao vivo ou simultânea:

Em filmes e programas de TV que são pré-produzidos, ou seja, que não são ao vivo, o roteiro e a locução são preparados antes da exibição; Em peças teatrais, visitas a museus, programas de TV ao vivo, nos quais há margem para inovações “fora do script”, o roteiro é elaborado antecipadamente, mas a locução da AD é feita no momento do evento; E em programas, paradas ou reportagens de última hora e sem ensaio, fica inviabilizada a preparação do roteiro, daí decorrendo que a audiodescrição é integralmente feita no momento do evento (Costa; Frota, 2011, p. 7).

Desta forma, fica claro que há certas diferenças na realização da audiodescrição quando a mesma for gravada, ao vivo ou simultânea.

Como foi exposto, para que a audiodescrição ocorra de forma eficaz, recomenda-se que seja desenvolvido um roteiro, para o qual o audiodescritor terá acesso prévio aos conteúdos, o que o ajudará a construir este roteiro para melhor descrever o que está sendo exposto, tornando a audiodescrição mais fiel aos elementos visuais.

Para este processo podem estar envolvidos vários profissionais, destacando-se o audiodescritor, responsável pela elaboração do roteiro, e o locutor, que tem a tarefa de narrá-lo. “Algumas vezes, uma única pessoa exerce ambas as funções, principalmente na audiodescrição ao vivo ou simultânea” (Costa; Frota, 2011). Atualmente, existe ainda o consultor em audiodescrição, que tem como atribuição revisar de forma especializada a audiodescrição, podendo até mesmo participar de forma mais ativa, desenvolvendo roteiros junto a pessoas videntes. Silva e Barros (2027) abordam a questão do consultor audiodescritor, que tem crescido no Brasil, definindo que “o audiodescritor consultor, que é necessariamente uma pessoa com deficiência visual, é responsável por averiguar a adequação do roteiro a seu público primário em termos de suas necessidades e preferências” (Silva; Barros, 2017, p. 161). Isto é, sua participação se torna reconhecida quando se trata da garantia de qualidade da audiodescrição.

Na escola, um dos principais agentes da audiodescrição é o professor. Entretanto, Sousa (2017) afirma que todos aqueles que são responsáveis por gerir o saber devem utilizar o recurso em sala de aula, não apenas um professor em específico. O autor deixa isso claro quando diz que “descrever charges, tirinhas, histórias em quadrinhos, anúncios publicitários, mapas e gráficos é função tanto do professor regente da disciplina quanto do professor especializado” (Sousa, 2017, p. 37).

Para além disso, Sousa (2017) pondera que a audiodescrição não deve ocorrer de forma esporádica, mas sim todos os dias e a todo momento quando se utilizam imagens trabalhadas nos livros didáticos, pois esse recurso escolar é repleto de conteúdos visuais e cabe ao audiodescritor ser sutil e fiel a mensagem transmitida, de modo que os alunos consigam de fato compreender àquele conhecimento.

Dessa forma, a audiodescrição é mais que uma transcrição fonética, sendo uma leitura que atribui valor ao material didático, de modo que as imagens que antes não podiam ser acessadas por esses alunos se tornam parte do aprendizado e ganham sentido.

A seguir, apresentamos um quadro (Quadro 1) elaborado por Sousa (2017), que trata dos elementos importantes para potencializar a audiodescrição pelo profissional ledor:

Quadro 1 – Técnicas de leitura à luz da audiodescrição

AÇÃO	DESCRIÇÃO
Entonação	A questão da entonação é simples e não apresenta grandes dificuldades.
Altura	A voz deve ter uma altura média, o que depende do ambiente, faz-se necessário elevar ou reduzir seu tom. Evitar lugares barulhentos onde existam frequentes interrupções ou distração durante a leitura.
Ritmo	A velocidade deve ser regular, evitando-se a lentidão e a rapidez durante o processo. Exceto por solicitação do ouvinte.
Recursos gráficos	Merecem uma devida atenção por, muitas vezes, assinalarem características necessárias para compreensão do texto.
Gráficos e fotos	Podem ser descritos com detalhes para que o ouvinte imagine a situação e possa fixar com mais eficiência as informações recebidas.
Parênteses	Esta marcação deve ser lida da seguinte maneira: - “Abre parênteses...” e “...fecha parênteses” – quando entre eles estiverem mais de uma palavra. - “Entre parênteses” – quando dentro deles estiver uma só palavra.
Aspas	São lidas como os parênteses. Pode-se acrescentar um efetivo vocal para marcar a mudança de interlocutores, quando as aspas exercerem esta função. - “Abre aspas...” e “...fecha aspas” – quando entre eles estiverem mais de uma palavra. - “Entre aspas” – quando dentro deles estiver uma só palavra.
Travessão	Omite-se quando trata da mudança de fala entre interlocutores. Contudo, deve ser lido se estiver exercendo outra função no texto.
Rodapé	Notas de rodapé devem ser lidas imediatamente após seu aparecimento. Caso sejam lidas após toda a página, o ouvinte poderá perder o contexto da nota. A leitura se faz assim: - “Nota de rodapé...” – lê-se a nota e depois diz “...voltando ao texto...” para prosseguir a leitura.
Palavras estrangeiras	Palavras estrangeiras devem ser lidas da maneira que for possível ao leitor e, posteriormente, soletradas. Exemplo: Meu nome é Washington. Lê-se “Meu nome é Washington w-a-s-h-i-n-g-t-o-n”. Os pontos de interrogação, exclamação, contínuos, finais, vírgulas e acentuação não se leem, pois, ficam claros na entonação diferenciada.

Fonte: Sousa, 2017

O quadro acima oferece boas técnicas para que, ao menos, comecemos a utilizar a audiodescrição nas salas de aula, tanto na educação básica quanto no ensino superior. Assim, quando os estudantes com deficiência recebem informações com acessibilidade, estes, terão, com certeza, maiores possibilidades de desenvolvimento do pensamento crítico.

Para finalizar este capítulo, discutiremos a importância da audiodescrição no ensino superior, contexto no qual se realiza a presente pesquisa.

2.4 Audiodescrição no ensino superior

As salas de aula atuais são bem diferentes das salas de aula de antigamente. Pessoas que antes não imaginavam estar dentro de uma universidade, como é o caso de pessoas com deficiência, por exemplo, hoje encontram-se estudando e se qualificando para exercer uma profissão, graças a muita luta e a políticas voltadas a inclusão e acessibilidade nesse ambiente.

Considerando que as políticas de cotas possibilitaram o acesso à universidade de uma

grande diversidade de pessoas, torna-se necessário que o ensino superior se adeque a esses novos públicos, garantindo-lhes condições de acessibilidade para conclusão do seu curso.

A esse respeito, deve-se observar que tabelas, quadros, slides, vídeos... em sua maioria não são recursos acessíveis. Nestes casos, a audiodescrição aparece como importante ferramenta a ser utilizada pelos professores, de modo que os alunos com deficiência visual passem a experienciar e aprender com igualdade em relação as pessoas videntes³.

Sempre que necessário, o professor pode e deve atuar como audiodescritor, pois ao receber alunos com deficiência visual em sala de aula, o mesmo deve criar estratégias para que todos os estudantes, independentemente da sua condição, alcancem o objetivo final, que seria o aprendizado. Nesse sentido, Silva (2016) afirma que:

[...] também cabe ao professor atuar como audiodescritor, pois trata da figura que se propõe a ensinar e quando o faz, não pode limitar-se a nenhuma barreira que eventualmente atrapalhe o desenvolvimento da aprendizagem de seus alunos, principalmente se este tiver meios para superar ou amenizar essa dificuldade. O professor tem a responsabilidade para mediar o processo, mas, com um aluno DV, ele também pode criar oportunidades de aprendizado e crescimento para a sala inteira (Silva, 2016, p. 14).

Sendo assim, além de oportunizar que o estudante com deficiência visual tenha acesso à informação, o professor poderá criar situações que podem ser vistas de exemplo para os demais alunos, chamando sua atenção para a importância de realizar a audiodescrição a fim de que todos tenham acesso à informação.

Todavia, muitas vezes certos detalhes passam despercebido pelos professores. Como afirma Silva (2016), por falta de atenção ou de formação, os professores deixam de adotar pequenas atitudes que favoreceriam o aprendizado de uma pessoa com deficiência visual. Por exemplo: “O simples fato de avisar quando irá começar a escrever no quadro que para muitos alunos não faria nenhum sentido, para os que possuem deficiência visual pode fazer toda a diferença” (Silva, 2016, p. 17).

Em sua pesquisa, Silveira *et al* (2023) apontam que alunas com deficiência do ensino superior se sentem pertencentes e valorizadas quando é utilizada a audiodescrição, visto que este recurso permite que seu entendimento seja ampliado. Portanto, além de considerarem necessário que o professor se aproprie desse recurso, Silveira *et al* (2023) apontam a importância de que os colegas de sala também utilizem esse recurso. Isto porque, muitas vezes

³ São chamadas de pessoas videntes, pela comunidade cega ou de baixa visão, aqueles que enxergam normalmente. (Sobral, Ariel; Peres, Yara. **A deficiência visual e o desafio da acessibilidade no mundo real**. 2022. Disponível em: <<https://agenciaeconordeste.com.br/sustentabilidade/a-deficiencia-visual-e-o-desafio-da-acessibilidade-no-mundo-real/>> Acesso em: 8 de jan. de 2025).

os professores esquecem de se autodescreverem ou de realizarem a descrição de elementos existentes na sala de aula, e quando os estudantes videntes se engajam, eles realizam essa função de audiodescritor, ajudando na compreensão do conteúdo e, muitas vezes, alertando os professores sobre a necessidade de utilizarem este recurso durante sua aula.

Para que isso ocorra, é preciso que as universidades incluam a audiodescrição em seus programas curriculares e também na formação continuada dos professores, de modo que todos os estudantes adquiram o conhecimento de maneira igualitária, permitindo que os estudantes com deficiência visual tenham este direito efetivado. Partindo disso, abordaremos a seguir o percurso metodológico usado para a construção deste trabalho, e, posteriormente, destacaremos as experiências dos estudantes entrevistados em relação a audiodescrição no ensino superior, a partir de dados coletados na UFPB.

3 Percurso metodológico

O presente trabalho foi desenvolvido devido a necessidade de investigar a importância da audiodescrição na formação acadêmica de estudantes cegos e com baixa visão, como também de identificar como ocorre o uso da audiodescrição, por parte dos docentes e alunos apoiadores, na UFPB. O interesse em buscar esse tema de pesquisa partiu da minha própria vivência enquanto aluno cego da UFPB, visto que a utilização de recursos de audiodescrição é indispensável no processo de ensino e aprendizagem do aluno com cegueira e baixa visão no Ensino Superior.

A realização desta pesquisa foi baseada em abordagens qualitativas que, de acordo com Prodanov e Freitas (2023, p. 70) “considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Esta não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas.” Difere da pesquisa quantitativa pois não tem foco em estatísticas, percentuais e outros dados numéricos, mas “é um método de interpretação dinâmica e totalizante da realidade, pois considera que os fatos não podem ser relevados fora de um contexto social, político, econômico” (Prodanov; Freitas, 2013, p. 34).

Sendo assim, trouxemos a origem, conceitos e principais técnicas da audiodescrição. Em seguida, buscamos refletir acerca contribuições da audiodescrição no processo de ensino e aprendizagem de estudantes cegos e com baixa visão. Para a realização dessas etapas, realizamos uma pesquisa bibliográfica. Prodanov e Freitas (2013) apontam que esse tipo de

pesquisa se apoia em materiais já publicados de outros autores acerca do tema, em que devemos ter atenção à veracidade dos dados obtidos para, então, nos apropriarmos e analisarmos os dados obtidos. Dessa forma, realizamos pesquisas de textos já publicados a respeito da audiodescrição, para trazer os conceitos históricos e analisar os avanços e onde é possível encontrar a audiodescrição.

O método escolhido foi o desenvolvimento de uma pesquisa de campo, vivenciada no Campus I da UFPB, a fim de verificar se o recurso da audiodescrição é, de fato, utilizado em sala de aula pelos professores quando há presença de estudantes com deficiência visual. Para tanto, foram realizadas entrevistas com 4 estudantes com deficiência visual da UFPB, com a finalidade de verificar se esse recurso tão importante esteve presente em seu percurso acadêmico. O acesso inicial aos estudantes entrevistados ocorreu por meio de um grupo do WhatsApp do Núcleo de Educação Especial (NEDESP/UFPB) do qual estes estudantes, assim como eu, somos participantes. Depois de estabelecer contato com cada um, as entrevistas foram agendadas e realizadas no Campus I da UFPB, em local combinado com cada um dos estudantes. Para a realização destas entrevistas, que foram gravadas e autorizadas por todos os estudantes, elaboramos um roteiro semiestruturado com várias questões envolvendo a audiodescrição no ensino superior, (ver Apêndice B). Segundo Prodanov e Freitas (2013) a pesquisa de campo busca, além de outros elementos, coletar dados para conseguir informações sobre algo que estamos estudando.

Como dito no parágrafo anterior, o instrumento de coleta de dados utilizado na pesquisa de campo foi a entrevista. Para uma maior organização dos dados, e ainda buscando preservar a identidade dos entrevistados, os mesmos serão denominados simplesmente como Estudante 1, Estudante 2, Estudante 3 e Estudante 4.

Os dados obtidos nas falas dos entrevistados serão discutidos a partir das contribuições dos estudiosos em audiodescrição, que nos ajudarão a analisar a importância deste recurso para estudantes com deficiência visual do ensino superior.

A partir deste trabalho esperamos que os dados encontrados nos tragam informações que nos ajudem a perceber de que maneira a audiodescrição vem sendo desenvolvida na UFPB e como este recurso tem auxiliado os estudantes nas aulas ou em outras atividades vivenciadas ao longo do curso.

4 Resultados e discussões

Neste capítulo apresentamos as falas dos estudantes que nos ajudam a perceber a importância da audiodescrição para estudantes com deficiência visual no ensino superior, apontando ainda desafios encontrados ao longo do curso e ainda prejuízos causados pela ausência da audiodescrição.

Para iniciar o capítulo, apresentamos algumas características dos sujeitos de nossa investigação. A seguir iremos conhecer os estudantes que participaram da nossa entrevista, além de dar ênfase no conhecimento e importância da audiodescrição, como bem verificar como a audiodescrição vem sendo percebida por esses estudantes e os desafios encontrados na UFPB.

4.1 Apresentando os sujeitos da investigação

Para iniciarmos nossas análises, é importante conhecermos os sujeitos participantes da pesquisa realizada. O Estudante 1 é pessoa cega, do sexo masculino, tem 23 anos, cursa jornalismo e é da cidade de Mamanguape, Paraíba. O Estudante 2 também é pessoa cega, do sexo masculino, tem 23 anos, cursa pedagogia e é da cidade de Santa Rita, Paraíba. Já a Estudante 3 é pessoa com baixa visão, do sexo feminino, tem 35 anos, cursa Pedagogia e é da cidade de João Pessoa, Paraíba. Finalmente, o Estudante 4 que também é pessoa cega, do sexo masculino, tem 50 anos, cursa Pedagogia e é da cidade de João Pessoa, Paraíba.

Como vimos, a maior parte dos entrevistados é composta por pessoas cegas, do sexo masculino e estudantes do curso de pedagogia, que também é o curso do autor desse TCC, o que certamente facilitou o acesso a esses estudantes. Ainda sobre o perfil dos estudantes, destacamos que 50% residem no município de João Pessoa e a outra metade mora em municípios do interior, enfrentando outras barreiras para se deslocarem até a universidade.

Todos os estudantes entrevistados já tiveram contato com a audiodescrição em algum momento de suas vidas, compreendendo o que é o recurso e quando é utilizado. Apenas o Estudante 4, que ao ser perguntado se conhece ou já usou a audiodescrição, respondeu negativamente, entretanto, ao ser perguntado se conhece ou faz uso de algum aplicativo de audiodescrição, respondeu positivamente, causando essa dualidade. No próximo tópico abordaremos com mais detalhes a vivência com a audiodescrição de casa um dos estudantes entrevistados.

4.2 A audiodescrição na perspectiva dos estudantes entrevistados

Como vimos no referencial teórico deste estudo, a audiodescrição é um importante recurso de inclusão e acessibilidade para estudantes com deficiência visual. Por isso, é necessário que as pessoas cegas e com baixa visão conheçam e solicitem este recurso sempre que julgarem oportuno.

Sobre esta questão as entrevistas apontaram que os Estudantes 1, 2 e 3 já conheciam a audiodescrição. Apenas o Estudante 4 respondeu inicialmente que não. Sobre essa questão o Estudante 1 responde:

Eu já usei em filmes. Eu coloco uns filmes que tem nos sites. E tem alguns aplicativos que você pode levar pro cinema, mas, esse eu nunca usei. Você pode levar pro cinema e ativar lá e a audiodescrição fica ativa (Entrevista realizada em 02/12/2024).

Já o estudante 3 se posiciona da seguinte forma:

Eu conheço e já utilizei. Nós já temos peças com audiodescrição. Eu já fiz o uso (Entrevista realizada em 10/12/2024).

Concluindo a resposta o estudante 4 afirma:

Não utilizei ainda. Não tive esse privilégio (Entrevista realizada em 13/12/2024).

As respostas acima revelam que os estudantes universitários entrevistados já conhecem a audiodescrição e falam sobre ela principalmente fora da universidade, abordando o uso no cinema e nas peças de teatro. Como vimos no referencial teórico, a audiodescrição nesses espaços são assegurados por lei, como na Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, a Lei nº 13.146/2015. Além disso, essa discussão tem estado presente nas redes sociais, em que muitas pessoas tem colocado legendas em suas imagens e vídeos, permitindo que eles se tornem mais acessíveis. Como, também, a obrigatoriedade de salas de espetáculos contarem com diversos recursos de acessibilidade, em que a audiodescrição faz parte (Brasil, 2004).

Partindo da questão anterior, perguntamos se os entrevistados conhecem ou fazem uso de algum aplicativo de audiodescrição, em que o Estudante 1 destacou:

Sim. Eu conheço o mob lauder e tem outro aplicativo, mas não me lembro o nome agora, são dois aplicativos (Entrevista realizada em 02/12/2024).

Por sua vez, o Estudante 2 mencionou:

Não lembro o nome (Entrevista realizada em 02/12/2024).

Já o estudante 3 fala em relação aos suportes da tecnologia, afirmando:

Não. Eu conheço o aparelho que já vem com a audiodescrição pronta. Então eu conheço o aparelho, mas não sei o nome do aplicativo que eles usam. No meu telefone eu uso o sistema de voz voice over, para poder ouvir as informações que estão na tela (Entrevista realizada em 10/12/2024).

Por fim, o Estudante 4 informa:

Sim, faço sim. Estou utilizando o Zapia. Eu envio a foto, e ele faz a audiodescrição do que tem naquela imagem (Entrevista realizada em 13/12/2024).

Podemos, então, verificar que todos conhecem ou já usaram algum recurso de audiodescrição, seja por meio de aplicativos ou de aparelhos em que esse recurso esteja disponível, mesmo que não recordem o nome, como é o caso do Estudante 2.

Todos os estudantes concordam sobre a importância da audiodescrição. Isso também fica claro quando nos apropriamos da pesquisa de Silva (2016) e Silveira *et al* (2023), que, respectivamente, mostram a importância do professor se apropriar da audiodescrição no processo de ensino e inclusão e de como os alunos se sentem valorizados quando o recurso é utilizado em sala de aula no ensino superior, mostrando a preocupação em que todos aprendam da forma mais igualitária possível.

As entrevistas apontam ainda, que a audiodescrição é um recurso necessário, principalmente nas aulas em que os professores acabam utilizando muitos recursos visuais, o que, algumas vezes, exclui o estudante com deficiência visual. A seguir, veremos o que os nossos entrevistados enfrentam em sala de aula e a importância da utilização do recurso da audiodescrição.

4.3 A audiodescrição nas salas de aula e em outras atividades acadêmicas

A sala de aula, seja no ensino básico ou na educação superior, é um ambiente em que são utilizados muitos recursos imagéticos, o que pode acabar gerando a exclusão de alunos

com deficiência visual, por isso a importância do uso da audiodescrição. Todos os estudantes entrevistados concordam que a audiodescrição é um recurso de extrema importância, tanto na ampliação da divulgação dos conhecimentos quanto no processo de inclusão. O Estudante 1 diz:

É muito importante, porque por exemplo, o professor vai passar um filme ou documentário, que está em inglês, ou que está em português mesmo, mas, ele tem um probleminha em ser uma coisa muito visual, então a descrição é sem dúvida importantíssima, que vai nos ajudar a compreender melhor o que está sendo mostrado ali na tela (Entrevista realizada em 02/12//2024).

Já o Estudante 2, afirma:

Pra mim, tem uma grande importância nos meus estudos e também acho que é inclusão para nós pessoas com deficiência (Entrevista realizada em 02/12//2024).

A Estudante 3, por sua vez, se refere à importância de haver qualidade na audiodescrição a fim de garantir a acessibilidade nas informações:

Se a audiodescrição for bem feita, ajuda muito as pessoas com deficiência. Porque às vezes os professores utilizam muitas imagens, muito quadro. Aí a pessoa com deficiência fica prejudicada. Então se tiver alguém que faça uma boa audiodescrição a gente consegue acompanhar. Isso é muito importante (Entrevista realizada em 10/12/2024).

O Estudante 4 reforça a fala de seus colegas:

É importante. Ajuda a gente ter o entendimento daquilo que está sendo proposto em sala de aula. É muito benéfico, na verdade, para que a gente tenha compreensão do que está ocorrendo referente ao conteúdo e a proposta em sala de aula (Entrevista realizada em 13/12/2024).

Ao falar sobre uma “audiodescrição bem feita”, o Estudante 3 nos faz retornar ao tópico 2.3 de nosso referencial teórico, em que apresentamos algumas técnicas de leitura à luz da audiodescrição, apontadas por Sousa (2017). Para além disso, é necessário nos apoiarmos no que o autor diz sobre a frequência do uso da audiodescrição, que não pode ser algo esporádico, mas deve ser realizado frequentemente, a partir das imagens utilizadas em sala de aula (Sousa, 2017).

Ao serem indagados sobre a presença de imagens nas disciplinas, os estudantes entrevistados, afirmaram que havia bastante e que os alunos apoiadores, professores ou demais colegas realizavam a audiodescrição. Todavia, frisaram que, por estas pessoas serem

inexperientes na área, a audiodescrição ajudava, mas estava longe de ser a ideal. O Estudante 1 responde que:

Já teve disciplinas que fizeram o uso de imagens. O que eu fazia para compreender era pedir a ajuda aos meus apoiadores, e eles iam descrevendo o que estava passando na tela. As vezes os professores vinham descrever, mas assim, eu não acho que seja a melhor forma. Bom seria se tivesse aulas de descrição, tudo dublado direitinho. (Entrevista realizada em 02/12/2024).

Já o Estudante 2, afirma:

Sim. Alguém faz a descrição da imagem pra mim, ou o professor, ou algum grupo que tá apresentando, ou os alunos apoiadores (Entrevista realizada em 02/12/2024).

A Estudante 3 se refere ao trabalho que vem sendo realizado pelo aluno apoiador, abordando que:

No decorrer do meu curso tiveram muitas situações com imagens, aí a gente está sempre com o aluno apoiador, que também é inexperiente na área, então a gente se vira nos trinta. O meu curso não é um curso que o professor precisa passar muitas imagens, porque o meu curso é pedagogia, então não tem muito desenho, muita imagem. Mas às vezes o professor traz um ou outro desenho, então o apoiador vai fazendo a parte de audiodescrição. Que se diga de passagem, o apoiador não tem experiência para tal, visto que ele nunca fez curso (Entrevista realizada em 10/12/2024).

Novamente, o Estudante 4 reforça o papel dos apoiadores:

Sim. Na verdade, as apoiadoras eram quem descreviam aquelas imagens para mim (Entrevista realizada em 13/12/2024).

Estas falas nos remetem ao que foi exposto por Silva (2016), de que cabe ao professor realizar a audiodescrição, visto que ele desempenha o papel de ensinar e precisa retirar as possíveis barreiras nos ambientes de aprendizagem. Nesta mesma direção, Silva (2016) também mostra que, no dia a dia da sala de aula, muitas vezes o professor não se atenta aos detalhes, como o ato de escrever no quadro, que para os videntes é algo corriqueiro, mas para as pessoas com deficiência visual faria toda a diferença se essa informação fosse audiodescrita. Isso pode ocorrer tanto por falta de atenção, quanto por falta de formação dos professores. Silveira et al (2023) ainda complementam dizendo que, não apenas o professor deve usar a audiodescrição, mas também os demais colegas, pois faz com que os alunos com deficiência visual se sintam pertencentes e valorizados dentro de sua turma.

Como destacado na fala do estudante 1, na UFPB, os alunos apoiadores tem oferecido boas contribuições realizando, sempre que possível, a audiodescrição de slides e outras imagens utilizadas durante as aulas. “O apoiador tem como principais obrigações dar suporte às atividades em sala e ajudar na mobilidade do estudante apoiado pelo campus” (UFPB, 2016). Como forma de estimular os estudantes apoiadores é oferecida uma bolsa mensal, a fim de que estes possam dedicar uma carga horária semanal para auxiliar estudantes com deficiência ou Necessidades Educacionais Específicas durante as aulas ou em outras atividades, quando necessário. Além disso, atualmente possuímos variados recursos para auxiliar nesse processo, como diversos aplicativos para smartphones, que veremos mais sobre eles a seguir.

4.4 A Audiodescrição em vídeos e aplicativos

Existem vários recursos de audiodescrição para auxiliar as pessoas com deficiência visual. A facilidade de conexão através dos celulares, dispositivos móveis que oferecem recursos importantes para o uso da audiodescrição no dia a dia acadêmico e pessoal.

Como vimos no tópico 4.2, os estudantes entrevistados fazem uso de diferentes tecnologias para auxiliá-los em suas atividades. O Estudante 1 relatou que, além de utilizar audiodescrição em filmes, também conhece aplicativos específicos: “Eu conheço o Mob Lauder e tem outro aplicativo, mas não me lembro o nome agora, são dois aplicativos” (Entrevista realizada em 02/12//2024).

A Estudante 3 acrescenta que, mesmo não utilizando aplicativos específicos de audiodescrição, faz uso dos recursos de acessibilidade do próprio celular: “No meu telefone eu uso o sistema de voz Voice Over para poder ouvir as informações que estão na tela” (Entrevista realizada em 10/12/2024).

Além disso, o Estudante 4 destacou o uso do aplicativo Zapia: “Eu envio a foto, e ele faz a audiodescrição do que tem naquela imagem” (Entrevista realizada em 13/12/2024).

Esses relatos mostram que os estudantes, apesar das dificuldades, buscam alternativas para tornar seus estudos mais acessíveis. Nesse contexto, diversos aplicativos disponíveis no mercado tornam-se grandes aliados. Um exemplo é o Be My Eyes, um aplicativo desenvolvido para ajudar pessoas cegas ou com baixa visão: “Através de uma chamada de vídeo, voluntários dão auxílio visual para pessoas cegas

e com visão limitada, em situações que vão desde combinar cores até checar se as luzes estão acesas ou preparar o jantar” (Incluii, 2022). Este aplicativo é gratuito e está disponível para Android e iOS.

Além dele, há soluções mais sofisticadas, como o aplicativo desenvolvido por Catalini, Kintschner e Ferreira (2021), que utiliza reconhecimento de imagem para localizar objetos e enviar sinais vibratórios ao usuário, permitindo a identificação rápida de elementos do ambiente. Assim como o Be My Eyes, esse aplicativo também é disponibilizado para aparelhos celulares, reforçando a importância dos dispositivos móveis no suporte à autonomia desses indivíduos.

Borges e Mendes (2024) também apontam que aplicativos de leitura de texto, reconhecimento de objetos e geolocalização vêm sendo usados como recursos de tecnologia assistiva, proporcionando autonomia em tarefas como leitura, comunicação e navegação.

A realidade vivenciada pelos estudantes entrevistados demonstra a importância de tais recursos. O Estudante 2 reforçou que, em muitas situações acadêmicas, recorre a terceiros para audiodescrição, mas reconhece a contribuição dos recursos tecnológicos: “Alguém faz a descrição da imagem para mim, ou o professor, ou algum grupo que está apresentando, ou os alunos apoiadores” (Entrevista realizada em 02/12//2024).

Dessa forma, fica evidente que a tecnologia tem desempenhado um papel fundamental na promoção da inclusão e da acessibilidade, ampliando as possibilidades de participação social para as pessoas com deficiência visual.

5 Considerações finais

Na fundamentação teórica deste trabalho, trouxemos a origem, os conceitos e as principais técnicas da audiodescrição. Em seguida, refletimos acerca das contribuições da audiodescrição no processo de ensino e aprendizagem de estudantes cegos e com baixa visão. A partir de nossos estudos e análises, concluímos que a audiodescrição é uma ferramenta muito importante no processo de ensino e aprendizagem das pessoas com deficiência visual. É a partir da audiodescrição que os estudantes cegos ou com baixa visão tem acesso aos detalhes que já são percebidos pelas pessoas videntes e que auxiliam na interpretação do contexto.

Este estudo apontou que, embora a audiodescrição seja uma ferramenta que oferece possibilidades de igualdade de condições e oportunidades para alunos cegos e com baixa visão, na realidade da UFPB ainda são necessários muitos avanços.

Nesse sentido, reconhecemos e valorizamos o esforço de muitos docentes e apoiadores que, mesmo de maneira informal e sem o pleno domínio das técnicas se empenham em descrever informações e imagens para os estudantes com deficiência visual. Entretanto, reafirmamos que, assim como já acontece com os interpretes de libras, torna-se necessário investir na contratação de profissionais audiodescritores que, sem dúvida, preencheriam uma grande lacuna no tocante ao acesso a informações para este público. Também precisamos lembrar a importância de haver uma capacitação dentro da universidade para professores e apoiadores, a fim de que possam realizar a audiodescrição de forma eficaz, e que tenham consciência de que essa tarefa não se trata de uma responsabilidade exclusiva do estudante com deficiência visual.

A partir das entrevistas, também pudemos perceber que a falta da audiodescrição afeta a formação de futuros profissionais, fazendo com que eles não se sintam incluídos de fato, nas aulas e nos eventos acadêmicos. Para além disso, fica claro que audiodescrever é uma atividade que precisa ser realizada com cuidado e atenção. Para isso, contamos atualmente com ferramentas digitais, a exemplo de aplicativos diversos que auxiliam nesse processo.

Finalmente, com a realização desta pesquisa, esperamos haver contribuído para ampliar o conhecimento acerca da audiodescrição, com a finalidade de construir políticas e práticas na formação de professores e apoiadores, para que os recursos da audiodescrição sejam melhor utilizados em nossas salas de aula.

REFERÊNCIAS

Borges, Wanessa Ferreira; Mendes, Eniceia Gonçalves. Tecnologia assistiva e baixa visão: apps e recursos de acessibilidade em dispositivos móveis. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 32, e3746, 2024. Disponível em: <[https://doi.org/10.1590/25268910.ctoAO288437461​;contentReference\[oaicite:1\]{index=1}](https://doi.org/10.1590/25268910.ctoAO288437461​;contentReference[oaicite:1]{index=1})> Acesso em: 25 de abr. de 2025.

BRASIL. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Diário Oficial da União, Rio de Janeiro, 01 Jan. 1916. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm> Acesso em: 19 de jul. de 2024.

BRASIL. **Decreto nº 5.296 de 2 de dezembro de 2004**. Regulamenta as Leis nos 10.048, de 8 de novembro de 2000, que dá prioridade de atendimento às pessoas que especifica, e 10.098, de 19 de dezembro de 2000, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. 2004. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5296.htm> Acesso em: 26 de ago. 2024.

BRASIL. **Portaria nº 310, de 27 de junho de 2006**. Aprova a Norma Complementar nº 01/2006 - Recursos de acessibilidade, para pessoas com deficiência, na programação veiculada nos serviços de radiodifusão de sons e imagens e de retransmissão de televisão. 2006. Disponível em: <<https://informacoes.anatel.gov.br/legislacao/normas-do-mc/442-portaria-310>> Acesso em: 26 de ago. de 2024.

BRASIL. **Decreto nº 5.820, de 29 de junho de 2006**. Dispõe sobre a implantação do SBTVD-T, estabelece diretrizes para a transição do sistema de transmissão analógica para o sistema de transmissão digital do serviço de radiodifusão de sons e imagens e do serviço de retransmissão de televisão, e dá outras providências. 2006. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato20042006/2006/Decreto/D5820.htm#:~:text=DECRETO%20N%C2%BA%205.820%2C%20DE%2029%20DE%20JUNHO%20DE%202006.&text=Disp%C3%B5e%20sobre%20a%20implanta%C3%A7%C3%A3o%20do,televis%C3%A3o%2C%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%A2ncias.> Acesso em: 26 de ago. de 2024.

CAMPOS, Virginia Pinto et al. **Um sistema de geração automática de roteiros de audiodescrição**. 2015. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/7860/2/arquivototal.pdf>> Acesso em: 24 de jul. de 2024.

Catalini, Pedro Angelo; Kintschner, Fernando Ernesto; Ferreira, Denise Helena Lombardo. Aplicativo com reconhecimento de imagem para deficientes visuais. In: **Brazilian Technology Symposium (BTSym 2021)**. Campinas: Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2021. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://lcv.fee.unicamp.br/images/BTSym-21/papers/BTSym2021_058_v1.pdf> Acesso em: 25 de abr. de 2025.

COSTA, Larissa; FROTA, Maria Paula. Audiodescrição: primeiros passos. **Tradução em Revista**, v. 11, n. 2, p. 2, 2011.

GODOI, Eliamar; DE ALMEIDA, Késia Pontes. A trajetória da luta pela legalização da audiodescrição no Brasil: entre a legalidade e a legitimidade. **Educação e Fronteiras**, v. 10, n. 28, p. 22-33, 2020.

INCLUII. **Você já conhece o "Be My Eyes"?** Inluiu, 18 out. 2022. Disponível em: <<https://www.incluii.com.br/blog-post/25/voce-ja-conhece-o-be-my-eyes>> Acesso em: 26 abr. 2025.

MOTTA, Livia Maria Villela de Mello. Livia Motta. [Entrevista concedida a] NGIME. **Núcleo do Grupo de Pesquisa em Inclusão, Movimento e Ensino a Distância**: Minas Gerais, 2013. Disponível em: <<https://www.ngime.ufjf.br/livia-motta>> Acesso em: 26 de jul. de 2024.

_____, Livia Maria Villela de Mello. **Audiodescrição na escola**: abrindo caminhos para a leitura de mundo. Campinas: Pontes Editores, 2016.

PENA, Mônica dos Anjos Lacerda; SILVA, Luciana Santos. Audiodescrição à luz da legislação brasileira. **Educação, Gestão e Sociedade**: Revista da Faculdade Eça de Queirós, Ano 4, número 15. 2014. Disponível em: <https://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/2017050916_0647.pdf> Acesso em: 26 de jul. de 2024.

POZZOBON, Graciela. **Atriz Graciela Pozzobon faz audiodescrição**. Entrevistador: Jô Soares. São Paulo: TV Globo, 2008. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/2812698/>> Acesso em: 26 de jul. de 2024.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico]**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SÁ, Luana Rodrigues da Silva; HUBERT, Lúcia; NUNES, Jader de Sousa. **Introdução à audiodescrição**. Módulo 1. 2020. Disponível em: <https://repositorio.enap.gov.br/bitstream/1/5299/3/Mod_3_Audiodescrição%20na%20cultura.pdf> Acesso em: 9 de jan. de 2025.

SÁ, Luana Rodrigues da Silva; HUBERT, Lúcia; NUNES, Jader de Sousa. **Introdução à audiodescrição**. Módulo 3. 2020. Disponível em: <https://repositorio.enap.gov.br/bitstream/1/5299/3/Mod_3_Audiodescrição%20na%20cultura.pdf> Acesso em: 24 de jul. de 2024.

SILVA, Manoela Cristina Correia Carvalho da. **Com os olhos do coração**: estudo acerca da audiodescrição de desenhos animados para o público infantil. 2013. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/12032/1/Manoela%20Cristina%20Correia%20C%20da%20Silva.pdf>> Acesso em: 24 de jul. de 2024.

SILVA, Liliane Cunha da. **Audiodescrição**: um recurso facilitador para aprendizagem da pessoa com deficiência visual no ensino superior. 2016. Disponível em:

<<https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/1217/1/LCS19092016>> Acesso em: 13 de set. de 2024.

SILVA, Manoela da; BARROS, Alessandra. Formação de audiodescritores consultores: inclusão e acessibilidade de ponta a ponta. **Revista da FAEEBA: Educação e Contemporaneidade**, v. 26, n. 50, p. 159-170, 2017. Disponível em: <<chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcgclefindmkaj/http://educa.fcc.org.br/pdf/faeeba/v26n50/0104-7043-faeeba-26-50-159.pdf>> Acesso em: 9 de jan. de 2025.

DA SILVEIRA, Eliana Passos et al. Percepções de estudantes com deficiência visual acerca da audiodescrição na universidade. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, v. 15, n. 44, p. 587-611, 2023.

SOUSA, Ivan Vale de. Audiodescrição: o que é? Como se faz?. **Revista EDaPECI**, v. 17, n. 3, p. 34-45, 2017.

UFPB. Pró-reitoria de Assistência Estudantil. **Apoio ao estudante com deficiência**. Disponível em: <https://www.ufpb.br/prape/contents/menu/auxilios-e-apoios/apoio-ao-estudante-com-deficiencia>. Acesso em: 23 Abr. 2025

VERGARA-NUNES, Elton Luis et al. **Mídias do conhecimento: um retrato da audiodescrição no Brasil**. 2010. Disponível em: <<https://guaiaca.ufpel.edu.br/bitstream/handle/123456789/712/Midias%20do%20conhecimento%20%20um%20retrato%20da%20audiodescricao%20no%20Brasil.pdf?sequence=3>> Acesso em: 24 de ago. 2024.

APÊNDICE A - CURSOS DE FORMAÇÃO ACERCA DA AUDIODESCRIÇÃO

Nome do Curso	Instituição	Objetivo	Carga Horária
Introdução à Audiodescrição	Escola Nacional de Administração Pública (Enap)	Apresentar recursos de audiodescrição, especialmente em sites, redes sociais e publicações, promovendo a acessibilidade comunicacional para pessoas com deficiência visual, intelectual, idosos e disléxicos.	40 horas
Audiodescrição: aspectos teóricos e exercícios práticos	Universidade Federal do Ceará (UFC)	Fornecer formação básica em audiodescrição, garantindo igualdade de acesso a eventos, filmes, programas de televisão, exposições e outras formas de mídia visual.	20 horas
Introdução à audiodescrição	Fundação de Articulação e Desenvolvimento de Políticas Públicas para Pessoas com Deficiência e com Altas Habilidades no RS (FADERS)	Oferecer formação básica em audiodescrição, garantindo igualdade de acesso a eventos, filmes, programas de televisão, exposições e outras formas de mídia visual.	20 horas
Introdução à audiodescrição	Centro Paula Souza (CPS)	Apresentar recursos de audiodescrição, especialmente em sites, redes sociais e publicações, promovendo a acessibilidade comunicacional para pessoas com deficiência visual, intelectual, idosos e disléxicos.	40 horas
Introdução à Audiodescrição	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ)	Apresentar recursos de audiodescrição, especialmente em sites, redes sociais e publicações,	40 horas

		promovendo a acessibilidade comunicacional para pessoas com deficiência visual, intelectual, idosos e disléticos.	
--	--	---	--

APÊNDICE B - ROTEIRO SEMIESTRUTURADO DAS ENTREVISTAS

- 1) Você conhece e/ou já utilizou o recurso da audiodescrição?
- 2) Você conhece e faz uso de algum aplicativo para realizar a audiodescrição?
- 3) Na sua opinião, qual a importância da audiodescrição na sala de aula e em que este recurso ajuda o(a) estudante universitário(a)?
- 4) Em seu curso existem disciplinas que fazem uso de imagens na sala de aula? Em caso afirmativo, o que você faz para compreendê-las?
- 5) Na universidade, você conta com algum serviço ou recurso para realização da audiodescrição?
- 6) Seu aluno(a) apoiador(a) costuma realizar a audiodescrição nos textos e na sala de aula? Como você avalia esta descrição?
- 7) Você tem conhecimento em relação a informações sobre audiodescrição oferecidas aos seus professores pelo Comitê de Inclusão e Acessibilidade (CIA) ou outro órgão da universidade?
- 8) Você considera que o uso da audiodescrição por seus professores melhora sua aprendizagem dos conteúdos abordados em sala de aula? Se possível, comente.
- 9) Como você avalia a utilização de vídeos por parte de seus professores em sala de aula?
- 10) Além da universidade, você já visitou outros espaços em que havia audiodescrição das imagens? Comente essa importância.
- 11) Na sua opinião, quais são as principais dificuldades enfrentadas por estudantes cegos e/ou com baixa visão quando não é realizada a audiodescrição.